Encontro Ansiado

Por: Eulalio Marquez

O meu coração não pára de pulsar; estou mortificada. BOOM, BOOM, BOOM, são os sons do meu peito. Se não tiver a coragem de bater à porta, tenho a certeza de que o pulsar do meu coração vai chamar a atenção dele. Já passaram mais de dez minutos e continuo parada em frente da sua porta. Finalmente tenho a oportunidade de confrontar o que se converteu para mim numa obsessão, mas não consigo reagir. Estou paralisada, completamente imobilizada no mesmo espaço. Como é isto? Como?

Desde o momento em que as palavras saíram da boca da minha mãe, fiquei num estado de confusão permanente. Tão forte foram as emoções que senti. E agora surge a ansiedade e a confusão. Serei capaz de algum dia me libertar destas preocupações e resolver esta questão? Quem sabe. Mas com essa esperança, decidi vir a Portugal e assumir controle. Controle de quê? Da minha vida, do meu futuro e dos meus direitos de saber a verdade completa. Eu tenho o direito. Isto sempre foi uma coisa que tinha nos meus pensamentos, e no mais profundo do meu ser. Era o que sonhava de noites e durante o dia, e o assunto proibido na minha casa. Tudo irá mudar depois desta viagem e deste encontro.

Comecei a estudar português na universidade; só posso explicar esta decisão como uma inclinação natural que me guiou nessa direcção. Quando comecei os cursos, a minha mãe, que é espanhola, perguntou-me porque escolhi Português, eu respondi casualmente que queria aprender alguma coisa nova. Como já sei falar espanhol, porque não aprender outra língua? Ela só sorriu. Mas havia preocupação por debaixo do seu sorriso. Para uma mulher que sempre me encorajava a aproveitar todas as oportunidades e a me superar, sempre lembrando o esforço que ela tinha feito para vir para o Canada, uma reacção como esta não era esperada. “A aprendizagem de outra língua é uma forma de expandirem os vossos horizontes” tinha-nos dito a minha professora de português na primeira aula. Então porque essa reacção? Foi com o mesmo sorriso que se despediu de mim no aeroporto, um sorriso cheio de preocupação. O irmão dela sempre me advertia dos problema que me podiam acontecer por causa da minha determinação. Mas para onde foi a minha determinação agora? Preciso dela mais do que nunca.

15 minutos ... já passaram 15 minutos desde que estou em frente da sua porta. Deveria bater à porta antes que alguém saia. Mas primeiro tenho que colocar no chão a minha mala, que está pesada, cheia de lembranças dos últimos quatro dias que passei em Lisboa. Comprei uma colecção de discos de fado, e é a única coisa que tenho ouvido. Ouvi o fado pela primeira vez quando estava no Miradouro da Graça tomando um café. Com vista do centro de Lisboa e do castelo senti-me como se estivesse no lugar certo. Imagino que o ato de estar no ponto alto de Lisboa tem algo a ver com dar essa sensação de audácia e certeza. Tão cativada estava pela vista que não notei quando um moço apareceu a compartilhar a mesa. Com um sorriso ofereceu-me uma nata dizendo que não se podia comer um café sem um desses bolos em Portugal. Contou-me que a minha concentração e serenidade tinham chamado a sua atenção. – Bem, isso ou o facto de que eu era a única apreciando a vista sem um namorado. Mas não importa o que disse o moço, só o que ele fez para mim: iniciar-me ao fado. Eu vim a Portugal só por uma razão, e o fado é o que me tem ajudado a preparar-me para isso. Desde a minha visita ao Miradouro da Graça até à minha chegada ao Pico, as tristes letras do fado são a única coisa que me parece familiar e que compreendo completamente.

Quando cheguei ao Pico, o meu coração quase parou. Que sensação estar entre a natureza, tão distinto de Lisboa e outro mundo diferente de Toronto. O ar é o mais puro que tenho respirado em toda minha vida. Podia passar tudo o dia só respirando e observando a fúria das ondas do Atlântico, embora tenha chegado a altura de subir a montanha do Pico e encontrá-lo.

A subida da montanha de Pico foi quase impossível, o ar tão fresco seguia-me quanto mais avançava Com cada passo, os raios do sol, a farfalhada das aves e o verde da natureza intensificarem-se. O paraíso se avivou e me entusiasmou a vencer a dificuldade do percurso. A caminhada durou cinco horas infinitas, só parei porque me sentia com certa náusea. A minha saudade neste momento era muito mais profunda que o esforço físico. Nos últimos passos, comecei a correr ao ver a única casa no caminho, não consegui controlar me. Corri e corri, até já não poder mais. Finalmente, Deus meu, alcancei o fim do caminho e o momento chegou.

Mas 20 minutos passarem e nada. Só as memórias dos últimos cinco dias voltam com uma força impressionante de tal modo que não tenho podido juntar os meus pensamentos e reagir. Agora, volto a concentrar-me e antes que o sol roube toda minha energia, recolho suficiente coragem e bato à porta. O meu coração bate acelerado, e ainda mais ao ver que a maçaneta da porta gira. A porta abre-se e um homem aparece. É ele. Pela primeira vez estou frente a frente ao meu pai. Os seus olhos estão fixos nos meus, por uns segundos que eu sinto como horas; talvez me reconheça também? Quero falar mas não posso, nem consigo mexer-me, estou paralisada. A minha ansiedade cresce, tento movimentar-me e não sou capaz. Finalmente, ele quebra a tensão e fala; sinto-me tonta. Quando as palavras “Bem-vinda “ saem da sua boca, tudo se torna preto e desmaio. Caio nos braços do meu pai, com o fado tocando na minha mente, numa paz finalmente alcançada.